

Vida de Maria (II): A voz do Magistério, dos Padres da Igreja, dos santos e dos poetas

A Natividade da Virgem Maria, numa selecção de textos do Magistério, dos Padres da Igreja, dos santos e de alguns poetas.

11/06/2010

A voz do Magistério

«A Sagrada Escritura do Antigo e Novo Testamento e a venerável Tradição apresentam de modo progressivo, até nos mostrarem claramente, o papel da Mãe do Salvador na economia da salvação. Os livros do Antigo Testamento descrevem a história da salvação na qual se vai preparando lentamente a vinda de Cristo ao mundo.

Esses antigos documentos, tais como são lidos na Igreja e interpretados à luz da plena revelação ulterior, vão pondo cada vez mais em evidência a figura duma mulher, a Mãe do Redentor. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente presente na promessa da vitória sobre a serpente (cfr. Gn. 3,15), feita aos nossos primeiros pais caídos no pecado.

Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emanuel (cfr. Is. 7,14; cfr. Mq 5, 2-3; Mt 1, 22-23). É a primeira

entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, Filha excelsa de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado pelo mistério da sua encarnação».

Concílio Vaticano II

Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 55.

«Olhai para Maria, formosa como a lua, *pulchra ut luna*. É uma forma de expressar a sua excelsa beleza. Que formosa deve ser a Virgem! Quantas vezes nos impressionaram a beleza de uma face de anjo, o encanto do sorriso de uma criança, o fascínio de um olhar puro! Certamente, no rosto da Sua própria Mãe, Deus recolheu todos os resplendores da sua arte divina. O olhar de Maria! O sorriso

de Maria! A doçura de Maria! A majestade de Maria, Rainha do Céu e da terra! Do mesmo modo que a lua brilha no céu escuro, assim também a formosura de Maria se distingue sobre todas as formosuras, que parecem sombras junto d'Ela. Maria é a mais formosa de todas as criaturas. Não é apenas a beleza natural que se reflecte naquele rosto. Deus revestiu a sua alma com a plenitude das suas riquezas por um milagre da sua onnipotência e fez passar para o olhar de Maria algo da sua dignidade sobrenatural e divina. **Uma centelha da beleza de Deus brilha nos olhos de sua Mãe».**

«Mas a Igreja não compara Maria apenas à lua; servindo-se também da Sagrada Escritura (cfr. Ct 6, 10), usa uma imagem mais intensa e exclama: Tu és, Maria, *electa ut sol*, eleita como o sol! A luz do sol tem uma grande diferença da da lua: é luz que aquece e vivifica. A lua brilha sobre

os grandes glaciares do Pólo, mas o glaciar permanece compacto e infecundo, como permanecem as trevas e perdura o gelo nas noites lunares do Inverno. A luz da lua não tem calor, não leva a vida. Fonte de luz e de calor e de vida é o sol. Pois bem, Maria, que tem a beleza da lua, brilha também como um sol e irradia um calor vivificante. Falando d'Ela, falando-lhe a Ela, não esqueçamos que é verdadeiramente nossa Mãe; porque através d'Ela recebemos a vida divina. Ela deu-nos Jesus e com Jesus a própria Fonte da graça. Maria é medianeira e distribuidora de todas as graças».

«*Electa ut sol*. Sob a luz e o calor do sol as plantas florescem sobre a terra e dão o seu fruto; Sob o influxo e a ajuda deste sol que é Maria, os bons pensamentos frutificam nas almas. Talvez neste momento já estejais inundados do encanto que emana da Virgem Imaculada, Mãe da divina

graça, medianeira de todas as graças, por ser Rainha do mundo».

«Voltai a percorrer, queridos filhos e filhas, a história da vossa vida. Não vedes um tecido de graças de Deus? Então podeis pensar: nestas graças entrou Maria. As flores despontaram e os frutos amadureceram na minha vida graças ao calor desta Senhora, eleita como o sol».

PIO XII (século XX)

Mensagem radiofónica na abertura do Ano Mariano, 8-XII-1953.

A voz dos Padres da Igreja

«Chamava-se Joaquim; era da casa de David, rei e profeta; a sua mulher chamava-se Ana. Permaneceu sem filhos até à velhice, porque a sua esposa era estéril. E, no entanto, precisamente a ela estava reservada a honra a que, segundo a lei de Moisés, aspiravam todas as mulheres

que dão à luz, honra que não tinha sido concedida a nenhuma mulher privada de filhos».

«Joaquim e Ana, com efeito, eram dignos de honra e de veneração, tanto em palavras como em obras; eram conhecidos como pertencentes à estirpe de Judá e de David, à descendência de reis. Quando se uniram as casas de Judá e de Leví, o ramo real e o sacerdotal ficaram misturados. Assim está escrito tanto a respeito de Joaquim como a respeito de José, com quem se desposou a Virgem santa. Deste último se afirma directamente que era da casa e tribo de David (cfr. *Mt* 1, 16; *Lc* 1, 27); mas eram-no os dois: um, segundo a descendência natural de David, o outro, em virtude da lei segundo a qual eram levitas».

«Também a bem-aventurada Ana era de um ramo eleito da mesma casa. Isto significava de antemão que o rei

que nasceria da sua filha seria sumo-sacerdote, enquanto Deus e enquanto homem. Entretanto, os veneráveis e estimados pais da Virgem, desconhecendo ainda o que neles se viria a realizar, sofriam uma grande dor pela falta de filhos, por causa da lei de Moisés e também pelas zombarias de alguns homens néscios. Desejavam o nascimento de um descendente que apagasse a ignomínia e lhes devolvesse a honra diante dos seus olhos e diante do mundo inteiro ».

«Então a bem-aventurada Ana, como aquela outra Ana mãe de Samuel (cfr. 1 Sm 1, 11), foi ao templo e suplicou ao Criador do universo que lhe concedesse um fruto das suas entranhas, com o voto de o consagrar, por o ter recebido como dom. O bem-aventurado Joaquim também não estava inactivo, e pedia a Deus que o livrasse da falta de filhos».

«O Rei benigno, o Autor generoso de todos os dons, escutou a oração do justo e enviou um anúncio aos dois cônjuges. Primeiro mandou uma mensagem a Joaquim enquanto rezava no templo. Fez-lhe ouvir uma voz do Céu que lhe dizia: "Terás uma filha que será glória, não só para ti, mas para o mundo inteiro". Este mesmo anúncio foi feito à bem-aventurada Ana; ela não cessava de rezar a Deus com lágrimas ardentes. Também a ela foi enviada a mensagem da parte de Deus, no jardim onde oferecia sacrifícios com petições e orações ao Senhor. O anjo de Deus veio junto dela e disse-lhe: "Deus escutou a tua oração; darás à luz aquela que será o anúncio da alegria e chamá-la-ás Maria, porque d'Ela nascerá a salvação do mundo"».

«Depois da mensagem teve lugar a gravidez; e da estéril Ana nasceu Maria, luz para todos: com efeito, assim se traduz o nome de Maria: "a

que ilumina". Então os veneráveis pais da feliz e santa menina ficaram cheios de uma grande alegria.

Joaquim organizou um banquete e convidou todos os seus vizinhos, sábios e ignorantes e todos deram glória a Deus, que tinha feito para eles um grande prodígio».

«Deste modo, a angústia de Ana transformou-se numa glória mais sublime, a glória de se converter na porta da porta de Deus, porta da Sua vida e começo da Sua gloriosa conduta».

Vida de Maria atribuída a SÃO Máximo, O Confessor (século VII).

Os factos expostos inspiram-se em escritos apócrifos, principalmente no "Protoevangelho de Santiago", que remonta ao século II.

A voz dos santos

«Muitíssimo dano, amadíssimos, nos causaram um homem e uma mulher; mas graças a Deus, igualmente por um homem e uma mulher tudo foi restaurado. E com grandíssimo aumento de graças. Porque o dom não foi como tinha sido o delito, mas a grandeza do benefício excede o dano».

«Assim, o prudentíssimo e clementíssimo Artífice não quebrou o que estava rachado, antes o refez mais utilmente por todos os modos, formando um novo Adão a partir do velho e trocando Eva por Maria».

«Certamente, podia bastar Cristo, pois toda a nossa suficiência nos vem d'Ele; mas não era bom para nós que o homem estivesse sozinho (cfr. *Gn* 2, 18). Muito mais conveniente era que ambos os sexos participassem na nossa reparação, já que ambos contribuíram para a nossa corrupção. Jesus Cristo Homem, é fiel

e poderoso Mediador entre Deus e os homens, mas os homens veneram n'Ele a majestade divina. N'Ele a humanidade pareceria absorvida na divindade, não por a natureza humana já não ser tal, mas por estar divinizada. D'Ele se canta a misericórdia, mas igualmente a justiça, porque embora, pelo que sofreu, tenha aprendido a compaixão e a misericórdia (cfr. *Hb* 5, 8), tem simultaneamente o poder de juiz. Enfim, a exigência do nosso Deus é como um fogo ardente, de modo que o pecador não temeria chegar-se a Ele, com medo de morrer diante da sua presença, como se derrete a cera?»

«Assim pois, a mulher bendita entre todas as mulheres não está a mais. Vê-se claramente o papel que desempenha na obra da nossa reconciliação, porque precisávamos de um mediador próximo deste Mediador e ninguém pode

desempenhar este ofício melhor que Maria. Eva tinha sido uma mediadora demasiado cruel, por quem a serpente antiga infundiu no homem o veneno mortífero. Mas fiel é Maria, que ofereceu aos homens e às mulheres o antídoto salvador. Eva foi instrumento da tentação, Maria do perdão; aquela induziu a pecar, esta trouxe a redenção. Que receio teria a fragilidade humana de se chegar a Maria? N'Ela nada é austero, nada é terrível; tudo é suave, oferecendo a todos leite e lã».

«Estuda com cuidado toda a história evangélica e se encontras em Maria algo de dureza, de repreensão desabrida, ou algum sinal de indignação, ainda que leve, poderias desconfiar e ter receio de te chegares a Ela. Mas se, pelo contrário, como acontece de facto, descobres que tudo o que a Ela pertence está cheio de piedade e de misericórdia, de mansidão e de graça, agradece-o ao

Senhor que, com a sua benigníssima misericórdia, providenciou para ti uma mediadora tão maravilhosa, pois nada pode haver na Virgem que inspire temor. **Ela fez-se toda para todos; tornou-se devedora de sábios e de ignorantes**, com imensíssimo amor. A todos abre o regaço da misericórdia, para que todos recebam da sua plenitude: o cativo redenção, o enfermo cura, o aflito consolo, o pecador perdão, o justo graça, o anjo alegria; enfim, toda a Trindade recebe glória; e a própria Pessoa do Filho recebe d'Ela a substância da carne humana, a fim de que não haja quem se esconda da sua ternura».

São Bernardo (século XII)

Sermão no Domingo da oitava anterior à Assunção, 1-2.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
dev.opusdei.org/pt-pt/article/vida-de-
maria-ii-a-voz-do-magisterio-dos-
padres-da-igreja-dos-santos-e-dos-
poetas/](https://dev.opusdei.org/pt-pt/article/vida-de-maria-ii-a-voz-do-magisterio-dos-padres-da-igreja-dos-santos-e-dos-poetas/) (08/08/2025)